

12

ELEITOS, MAS LIVRES?

FELIPE SABINO DE ARAÚJO NETO

“Ao SENHOR pertence a salvação.” (Jonas 2.9)

O sistema teológico conhecido por calvinismo tem como característica principal a soberania de Deus. Embora o calvinismo seja uma cosmovisão completa, como bem afirmou e demonstrou Abraham Kuyper,¹ utiliza-se o termo em geral para lidar com a soteriologia (doutrina da salvação) do sistema. Assim, quando o calvinismo é atacado em conversas informais ou debates acadêmicos, questiona-se sua soteriologia.

A soteriologia calvinista tornou-se bastante conhecida nas últimas décadas em terras brasileiras. Desempenharam papel decisivo nisso os sítios da internet² e as editoras calvinistas.³ Charles Haddon Spurgeon, Arthur Walkington Pink, David Martyn Lloyd-Jones e tantos outros levaram muitos brasileiros a conhecer as maravilhosas doutrinas da graça.

1 Veja o excelente clássico Abraham Kuyper, *Calvinismo*. 2ª edição (São Paulo: Cultura Cristã, 2015).

2 Em primeiro lugar pelo “extinto” Textosdareforma.net e depois pelo “sucessor” Monergismo.com. Hoje, os sítios e blogs calvinistas existem aos borbotões, graças a Deus.

3 Em especial a Editora Fiel, com os seus livros e a revista *Fé para hoje*, e a Editora PES. Louvado seja Deus pelo frutífero trabalho do saudoso Richard Denham Jr. e do simpático Bill Barkley. Sobre a vida de Denham, recomendo o belo e excelente artigo “O casal Denham no Brasil e o ministério da Editora Fiel”, escrito pelo pastor Gilson Santos, em *A glória da graça de Deus* (São José dos Campos: Editora Fiel, 2010).

O interesse contínuo e crescente por essas doutrinas antigas, mas esquecidas, inevitavelmente gerou preocupação em igrejas e pastores que pensam de forma diferente. Muitos, totalmente despreparados para lidar com a situação, ofereciam as respostas mais esdrúxulas e desesperadas. Lembro-me em especial do evangelista da minha antiga igreja, a quem muito “importunei” com essas questões, ainda não tão claras e resolvidas para mim àquela época. Certa feita, antes de começar a reunião, ele me disse todo entusiasmado: “Procure-me depois do culto. Eu já sei a resposta para suas indagações”. Ao término do culto, procurei o irmão desejoso de ser ajudado. A resposta impressionante foi a seguinte: “Quem ensinou esse negócio de predestinação foi João Calvino!”. Por respeito às cãs do meu irmão, segurei o riso. E ele realmente pensava ter resolvido o problema!

Infelizmente, nem todas as soluções para o “problema” do calvinismo são tão notoriamente ingênuas. Muitas utilizam distorções de passagens bíblicas, falácias lógicas, deturpações do que o próprio calvinismo ensina e outras artimanhas para tentar provar que não se trata de uma doutrina sadia, muito menos bíblica.

Pelo menos no contexto brasileiro, muitos são orientados a ler o livro *Eleitos, mas livres*, de Norman Geisler, para entender o debate calvinismo *versus* arminianismo.⁴ Por causa disso, este artigo vai interagir de maneira extensiva com este livro. Contudo, a interação total é quase impossível, pois Geisler comete erros exegéticos, lógicos ou distorções do que o calvinismo ensina em quase todas as páginas do livro. Quem mais se aproxima desse empreendimento é James R. White por meio do livro *The Potter's Freedom [A liberdade do Oleiro]*.⁵

Nossa abordagem será a seguinte: após uma breve apresentação do autor do livro, analisaremos os principais erros de Geisler. Como ficará claro para o leitor, o livro está permeado de definições distorcidas e exegeses defeituosas. E junto com isso, o autor com frequência faz representações indevidas e comete falácias lógicas.

4 *Eleitos, mas livres*: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio (São Paulo: Editora Vida, 1. ed. 2001, 284p.). Tradução de Heber Carlos de Campos.

5 *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and the Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amirville: Calvary Press, 2000, 338p.).

I. QUEM É NORMAN GEISLER?

Norman Leo Geisler é um teólogo e filósofo americano, bem conhecido do público evangélico devido à sua extensa produção literária.⁶ Nascido em 1932, na Carolina do Norte (EUA), é professor de teologia, filosofia e apolo-gética há mais de 50 anos.

No Brasil, suas obras mais apreciadas são *Ética cristã*,⁷ *Introdução à filosofia*,⁸ *Fundamentos inabaláveis*⁹ e *Não tenho fé suficiente para ser ateu*.¹⁰ Menos popular, o livro *A inerrância da Bíblia*,¹¹ que apresenta seu nome como organizador, é com certeza uma das suas melhores contribuições. Além de escrever o capítulo “Pressupostos filosóficos da inerrância bíblica”, Geisler reuniu no livro vários teólogos calvinistas renomados, como Greg Bahnsen, Robert C. Sproul, James I. Packer e John H. Gerstner.

II. DISTORÇÃO DE DEFINIÇÕES

Em um debate não se pode subestimar a definição da terminologia utilizada. Mesmo em conversas informais, às vezes se desperdiça muito tempo pela presunção de que o interlocutor entende certas palavras e termos da mesma forma que nós. No debate teológico, em que a utilização de termos técnicos é inevitável, a definição recebe importância ainda maior.

Em *Eleitos, mas livres*, Geisler resolve redefinir termos históricos, aparentemente para gerar repulsa nos leitores.

Em primeiro lugar, Geisler chama o calvinismo clássico de calvinismo extremado. Eis sua explicação:

6 Autor e coautor de quase uma centena de livros.

7 *Ética cristã*: opções e questões contemporâneas (São Paulo: Vida Nova, 2. ed., 2010, 528p.). Embora uma obra aclamada mesmo entre cristãos reformados, o absolutismo ideal proposto por Geisler neste livro é totalmente antibíblico. Como corretivo bíblico, recomendo John Murray, *Principles of Ethics* (Grand Rapids: Eerdmans, 1957).

8 *Introdução à filosofia*: uma perspectiva cristã (São Paulo: Vida Nova, 1996, 352p.). Coautoria de Paul D. Feinberg.

9 *Fundamentos inabaláveis* (São Paulo: Editora Vida, 2003, 296p.). Coautoria de Peter Bocchino.

10 *Não tenho fé suficiente para ser ateu* (São Paulo: Vida Acadêmica, 2006, 424p.). Coautoria de Frank Turek.

11 *A inerrância da Bíblia*: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras (São Paulo: Editora Vida, 2003, 560p.).

Calvinista extremado é alguém que é mais calvinista do que João Calvino (1509-1564), de cujos ensinamentos vêm o termo. Visto ser possível argumentar que João Calvino não cria na expiação limitada (que Cristo morreu somente pelos eleitos), segue-se que os que o fazem são calvinistas extremados.¹²

Portanto, para Geisler, quem ensina a expiação limitada é calvinista extremado. E isso pelo fato de ele alegar que João Calvino não ensinava haver Cristo morrido só pelos eleitos.¹³ Dessa forma, ele classifica homens do calibre de Jonathan Edwards, John Gerstner, Robert C. Sproul e John Piper como calvinistas extremados.

O mais impressionante é a explicação da utilização do termo:

Usamos o termo “calvinismo extremado” em vez de “hipercalvinismo”, visto que este é usado por alguns para designar uma ideia mais radical conhecida como “supralapsarismo”, que exige uma dupla predestinação, o que nega a responsabilidade humana, ou anula a preocupação por missões e evangelização.¹⁴

Mas o hipercalvinismo não tem nenhuma ligação com o supralapsarismo, ou com seu contraponto, o infralapsarismo. Ora, os termos supralapsário e infralapsário são utilizados para se referir a dois pontos de vista calvinistas a respeito da ordem *lógica* dos decretos divinos. Isto é, a ordem em que Deus decretou a ocorrência de certos fatos.¹⁵ O debate não é sobre a ordem *temporal* dos decretos, sobre o que não existe disputa. O debate versa sobre o que Deus determinou na eternidade “passada”. O tempo nem existia.

Note que designei de modo deliberado o supralapsarismo e infralapsarismo como conceitos calvinistas, pois essas duas formas de enxergar a ordem dos acontecimentos no plano divino sempre existiram no meio reformado. É possível listar teólogos renomados dos dois lados, embora o infra-

12 Op. cit., p. 63.

13 Apesar da repetição constante dos arminianos, isto não passa de invenção. Veja Leandro Antonio de Lima, “Calvino ensinou a expiação limitada?” (*Fides Reformata*, Vol. IX, Nº 1 [2004], pp. 77-99).

14 Op. cit., p. 22 n. 1.

15 A pergunta que o debate tenta responder é a seguinte: Em sentido lógico, os decretos da eleição e reprobção vêm antes ou depois dos decretos da Criação do mundo e da “permissão” da Queda? Creio que o termo “permitir” dê margem a interpretações arminianas, mas infelizmente é um termo muito usado mesmo por teólogos reformados.

lapsarismo seja mais comum.¹⁶ Todavia, muitos preferem não se posicionar, questionando até a legitimidade da inquirição.

No supralapsarismo, entende-se que o decreto da predestinação vem antes ou acima (*supra*) do decreto da Queda (*lapsus*). Isto é, o decreto de Deus para salvar/condenar é logicamente anterior ao decreto de criar o mundo e ordenar a Queda. Já no infralapsarismo, o decreto da predestinação vem após ou abaixo (*infra*) do decreto da Queda (*lapsus*). Ou seja, o decreto de Deus para salvar/condenar é logicamente posterior aos decretos relacionados à Criação e Queda.

Por conseguinte, podemos representar a ordem dos decretos nas duas visões da seguinte forma:

Supralapsarismo:

Predestinação
Queda

Infralapsarismo:

Queda
Predestinação

Portanto, o hipercalvinismo não tem nenhuma relação com a dupla predestinação. Todo calvinista, supralapsário ou infralapsário, acredita na dupla predestinação.¹⁷ Deus destinou todas as coisas, incluindo-se as pessoas que serão salvas (eleição) e condenadas (reprovação).

16 Entre os supralapsários, podemos destacar João Calvino(?), Teodoro de Beza, Arthur W. Pink, Louis Berkhof, Gordon H. Clark, Herman Hoeksema e Robert Reymond. Entre os infralapsários, merecem destaque William G. T. Shedd, Charles Hodge, Robert L. Dabney, Benjamin Warfield e muitos outros. Embora a *Confissão de fé de Westminster* favoreça a posição infralapsária, é interessante notar que William Twisse (1578-1646), o primeiro presidente da Assembleia de Westminster, era supralapsário.

17 O interessante é que Geisler reconhece isso no Apêndice 7 do seu livro, intitulado “Dupla predestinação”. O Apêndice, contudo, incorre em erros adicionais, chamando certo conceito da dupla predestinação de hipercalvinista. Não bastassem as diferenças a respeito da dupla predestinação entre os calvinistas ser representada de forma equivocada, Geisler classifica John Owen e William Ames como hipercalvinistas.

O que seria hipercalvinismo? Em geral, designa-se hipercalvinista quem, por causa da crença na predestinação divina de todas as coisas, nega outras verdades bíblicas. Por exemplo, alguém, dada a compreensão equivocada da soberania de Deus, pode negar a responsabilidade humana, a necessidade da oração, as missões e a evangelização em geral. Em outras palavras, Geisler não sabe o que fala, ou faz uso deliberado do expediente da calúnia.

É digna de nota a seguinte observação de Geisler:

Devemos observar que os teólogos que classificamos de calvinistas extremados consideram a si mesmos simplesmente “calvinistas” e, provavelmente, objetariam nossa categorização deles dessa maneira. Na visão deles, qualquer um que não espouse os cinco pontos do calvinismo como eles os interpretam não é, rigorosamente falando, verdadeiro calvinista.¹⁸

Ou seja, Geisler recusa-se a permitir que seus oponentes escolham como definir a própria posição. E, como a maioria das pessoas tem aversão a fanatismos e exageros, ele, em um jogo psicológico, propõe a alcunha calvinista *extremado*. Ainda mais grave é a tentativa de redefinir uma terminologia teológica histórica, pois o termo *calvinista* sempre significou alguém que, no mínimo, acredita nos cinco pontos do calvinismo.

Como Geisler apontou, o termo calvinista tem sim relação com João Calvino (1509-1564), um dos principais pensadores da Reforma Protestante, e um dos maiores teólogos da história do cristianismo.¹⁹ Por meio de seus escritos, Calvino influenciou e ainda influencia diversos setores da sociedade e do saber. Seu pensamento “exerceu grande influência na idade da Renascença e Reforma ao longo de toda a Europa Ocidental”.²⁰ É possível ver contribuições de Calvino mesmo fora da área religiosa. Por exemplo, alguns estudiosos sugerem que Calvino foi “responsável, ao menos em parte” pelo “refinamento da língua francesa”.²¹ A obra mais importante de Calvino, *As institutas*, foi escrita em latim e mais tarde traduzida por ele mesmo para o francês. Ao longo dos anos, ele revisou e expandiu seu tratado teológico. Contudo, na

18 Op. cit., p. 22 n. 1.

19 Veja Felipe Sabino de Araújo Neto (ed.), *Calvino: Mestre da Igreja* (Brasília: Editora Monergismo, 2009).

20 Nicholas Bunnin, Jiyuan Yu, *The Blackwell Dictionary of Western Philosophy* (Oxford: Blackwell Publishing, 2004), p. 96.

21 Alister McGrath, *A vida de João Calvino* (São Paulo: Cultura Cristã, 2004), p. 159.

versão francesa de 1541, Calvino pareceu estar mais preocupado em utilizar um estilo mais elegante. Sobre isso, lemos:

A publicação da edição francesa de suas *Institutas*, em 1541, representa um marco para a Reforma e para a evolução da língua francesa. Essa obra, amplamente considerada como “o primeiro monumento da eloquência francesa”, provocou algo que se aproximava de uma reação de pânico, em Paris: as *Institutas* são a obra especificamente identificada para censura, pelo *parlement* parisiense, em 1º de julho de 1542. Não é difícil entender o porquê. *La clarté française* encontra-se evidente em todas as suas páginas.²²

Contudo, a maior revolução de Calvino ocorreu na soteriologia. Alegando apoiar-se nos escritos de Agostinho de Hipona, Calvino criticou o ensino da Igreja Católica Romana. Não só rejeitou a salvação pelas obras, propondo a salvação e justificação pela fé, como também defendeu a predestinação divina. A doutrina da salvação colocou católicos e evangélicos (mais tarde chamados protestantes) em lados distintos e opostos.

Quando setores do próprio protestantismo passaram a questionar a predestinação, o grupo que defendeu essa doutrina elaborou um documento chamado *Os cânones de Dort* (1619). O documento, que abordava cinco tópicos doutrinários (a predestinação divina, a morte de Cristo e a redenção do homem, a corrupção do homem e sua conversão a Deus e a perseverança dos santos), foi condensado em algumas expressões que se tornaram conhecidas como “os cinco pontos do calvinismo”. Pelo fato de o caráter do documento produzido ser totalmente soteriológico, o termo calvinista passou a designar principalmente os cristãos que creem na predestinação divina, como já mencionamos na introdução do artigo. Contudo, o calvinismo pode ser definido também como “o ensino teológico e os conceitos políticos desenvolvidos pelo teólogo e reformador francês João Calvino e defendidos por eruditos calvinistas do século XVII”.²³

Embora o termo calvinista (ou calvinismo) seja usado hoje de forma deliberada por quem se considera calvinista ou participante da herança calvinista, não foi assim no começo. Falando sobre o surgimento do termo “calvinismo”, Alister McGrath propõe o seguinte:

22 Ibid., p. 159.

23 Nicholas Bunnin, Jiyuan Yu, *The Blackwell Dictionary of Western Philosophy*, p. 96.

Esse termo novo surgiu na literatura polêmica das igrejas da Reforma na sexta década do século 16. Ao que parece, a expressão “calvinismo” foi apresentada inicialmente pelo polemista luterano Joachim Westphal a fim de referir-se às ideias teológicas e, particularmente, sacramentais dos reformadores suíços em geral e, mais especificamente, às de João Calvino. Depois de sua introdução, rapidamente o termo passou a ser de uso geral dentro da Igreja Luterana. Em parte, essa rápida aceitação do novo termo refletiu uma profunda inquietação nos meios luteranos com referência a uma crescente influência da teologia reformada nas regiões da Alemanha consideradas, até então, luteranas.²⁴

Após fazer essas considerações históricas, o professor de Oxford conclui que a introdução do termo “calvinista” pode ter servido apenas como tentativa de estigmatizar a teologia reformada. Isto é, estigmatizá-la como nada além de uma influência estrangeira na Alemanha. O próprio Calvino teria ficado espantado com a utilização do termo, considerando-o uma tentativa de desacreditar a adoção da fé reformada por Francisco I. Contudo, como Calvino contava mais alguns meses de vida, seus protestos não produziram efeito. Dessa forma, o termo calvinismo “passou a ser usado pelos oponentes da Igreja Reformada para se referirem às ideias teológicas dela mesma”.²⁵

Alguns estudiosos, como Carl Trueman, consideram o termo “calvinismo” profundamente infeliz. Ele concorda com a tese de McGrath, afirmando que o termo “foi cunhado como ferramenta polêmica para manchar a reputação dos reformados”.²⁶ Por causa disso, ele considera “teologia reformada” e “ortodoxia reformada” termos melhores.

Assim, é totalmente descabido o uso arbitrário utilizado por Geisler. João Calvino não é o parâmetro para definir quem é ou não calvinista. Aliás, o lema da teologia reformada sempre foi *ecclesia reformata semper reformanda* [a igreja reformada sempre se reforma]. Ou seja, Calvino não é o teste de ortodoxia aplicável à igreja, mas um gigante em cujos ombros devemos subir para observar com mais clareza a vastidão da revelação divina. Foi isso o que Calvino fez com os ensinamentos de Agostinho. Além do mais, Geisler demonstra

24 *A vida de João Calvino*, p. 159.

25 *Ibid.*, p. 159.

26 “Calvin and Calvinism”. In: Donald McKim (org.). *The Cambridge companion to John Calvin* (New York: Cambridge University Press, 2004).

ignorar os debates sobre a teologia de Calvino, pois escolhe um ponto em que o reformador encontra-se em total acordo com quem o autor chama “calvinistas extremados”. Para quem estudou as obras de Calvino, fica nítida sua defesa da verdade bíblica da expiação limitada — isto é: Jesus entregou-se a favor exclusivo de suas ovelhas.²⁷

III. “VERSÍCULOS ARMINIANOS”?

Toda controvérsia teológica deve ser resolvida mediante o apelo às Escrituras. Em última instância, a opinião de Calvino não tem nenhum valor para decidir a verdade. Como diz a *Confissão de fé de Westminster*, um documento calvinista:

O juiz supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas, e por quem devem ser examinados todos os decretos de concílio, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando nas Escrituras. (I.10)

No debate entre calvinismo e arminianismo, várias pessoas assumem uma postura no mínimo estranha no campo exegético. Elas parecem acreditar na veracidade do calvinismo por haver na Bíblia mais “versículos calvinistas” que “arminianos”.²⁸ Trata-se, no entanto, de um equívoco que revela um conceito defeituoso a respeito da perfeição e inerrância da Escritura. Os sistemas calvinista e arminiano são tão antagônicos que, para alguém afirmar a existência dos dois na Bíblia, incorre-se necessariamente em contradição. Ocorre que a Escritura é a Palavra de Deus e, por isso, não ela se contradiz nem contém erros.

Com isso não negamos a existência de alguns versículos que aparentam favorecer a posição arminiana. A dificuldade jaz sempre no intérprete, que pode esquecer-se dos pressupostos corretos, e não fazer uso dos princípios hermenêuticos elementares. Um deles, talvez o mais importante, é que se devem interpretar passagens difíceis, ambíguas ou obscuras com outras passagens da Escritura que lidem com o mesmo assunto, mas de forma mais

²⁷ Veja o excelente artigo de Roger Nicole, “John Calvin’s View of the Extent of the Atonement”, *Westminster Theological Journal* 47 (1985), pp. 197-225.

²⁸ Essa não é a posição de Geisler.

clara e sem ambiguidade. A inspiração divina é o pressuposto que jamais se deve abandonar e, assim, a harmonização de passagens aparentemente contraditórias sempre será o caminho trilhado pelo cristão.

Esse princípio é chamado às vezes *analogia Scripturae* [analogia da Escritura], e pode ser identificado nas confissões reformadas. Encontra-se, por exemplo, o seguinte conselho sábio na *Confissão de fé de Westminster*:

A regra infalível de interpretação da Escritura é a própria Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto das Escrituras (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto deve ser estudado e examinado por outros textos que falem mais claramente. (I.9)

Dessa forma, os calvinistas jamais temerão quando os arminianos aparecem com “seus textos”. Afinal, o que Spurgeon, o Príncipe dos Pregadores, diz acerca de João 5.40, é verdadeiro a respeito de todo e qualquer versículo da Escritura: “Jamais foi fabricado na forja deles”.²⁹ O que dizer do trabalho exegético de Geisler?

IV. EXEGESE DEFEITUOSA

Uma das maiores fraquezas do livro *Eleitos, mas livres* reside exatamente na parte exegética. Os textos centrais ao debate da soberania divina na eleição recebem o tratamento de uma única página. E a maioria dos outros recebe apenas um breve comentário de um ou dois parágrafos. E, pela própria falta de espaço, não nos é oferecida nenhuma exegese de fato. São apenas afirmações após afirmações não comprovadas; nelas o texto bíblico e também as explicações e a exegese fornecidas ao longo dos séculos por teólogos reformados são ignorados. James Hamilton, em uma excelente resenha do livro, escreve o seguinte:

Quando um autor lida com uma tradição que produziu material exegético sobejante, espera-se que a exegese das passagens perti-

29 Citação parcial de um trecho do título *Livre-arbítrio: um escravo* (Editora PES). Sermão pregado em 2 de dezembro de 1855. Eis o contexto: “Este texto é usado pelos arminianos como uma das suas grandes armas e frequentemente descarregada com um barulho terrível contra os pobres cristãos chamados calvinistas. Nesta manhã eu pretendo apontar a arma, ou melhor, virá-la contra os inimigos, porque ela nunca pertenceu a eles: jamais foi fabricada na forja deles. Pelo contrário, este texto intenciona ensinar a doutrina exatamente oposta àquela que eles sustentam”.

mentos seja a prioridade. Caso alguém espere esse comportamento, ficará muito desapontado com *Eleitos, mas livres*. Dr. Geisler lida com a posição que produziu, por exemplo, o comentário de sete volumes de John Owen apenas sobre o livro de Hebreus; os comentários de Calvino sobre quase todos os livros da Bíblia, exceto o Apocalipse; o *Tesouro de Davi* de Spurgeon, um comentário em três volumes sobre os Salmos, e várias outras obras de homens como Machen, John Murray, Lloyd-Jones e uma série de teólogos puritanos.³⁰

Nesta seção analisaremos as respostas de Geisler a alguns dos textos que os calvinistas utilizam para defender sua posição, bem como a análise de alguns textos que supostamente ensinam o arminianismo. Como é impossível interagir com todos os textos bíblicos mencionados, daremos preferência aos comentados por Geisler para refutar a expiação limitada ou para provar a expiação ilimitada. Creio que a delimitação faz sentido, pois, como já observamos, para ele certos calvinistas são considerados extremados justamente pela defesa da expiação limitada.

4.1. Efésios 1.4

Lê-se em Efésios 1.4: “assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo”. O amor de Deus aos seus não tem início nem fim. É o “amor que vem desde a eternidade e vai até a eternidade”.³¹ Ainda que, em geral, os textos que mencionam a eleição não sejam usados para provar a expiação limitada, Geisler, ao comentar Efésios 1.4, afirma o seguinte: “A expiação é limitada em sua aplicação, mas não é limitada na sua extensão”.³²

Ele não questiona a eleição, e afirma: “O fato de que somente os crentes foram escolhidos em Cristo antes do tempo ter começado não significa que Cristo não tenha morrido por todos os seres humanos”.³³ Contudo, a eleição com a qual Geisler concorda não é a ensinada pela Escritura, pois ele adiciona: “Deus sabia exatamente quem haveria de crer, visto que ele conhece

30 http://www.the-highway.com/free_Harrison.html. Consulta em 04 de setembro de 2015.

31 Heber Carlos de Campos, *O ser de Deus e os seus atributos* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002), p. 267.

32 Op. cit., p. 88.

33 Ibid.

todas as coisas de antemão”.³⁴ Mas a própria fé é dom de Deus (Ef 2.8), não podendo, portanto, consistir na base da eleição.

O grande problema dos arminianos é que eles não entendem o significado bíblico da expiação. Se a expiação foi feita a favor de todas as pessoas, não há como distinguir a extensão da aplicação da expiação. Além disso, a expiação ensinada na Escritura é substitutiva: “Se Cristo suportou toda a ira de Deus por todo pecador, então a extensão da expiação e seu efeito devem ser os mesmos”.³⁵ Jesus ensinou com clareza que não veio resgatar todas as pessoas, apenas os eleitos:

Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos. (Mt 20.28)

A bela oração sacerdotal, registrada em João 17, é proferida só a favor dos eleitos:

É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. (Jo 17.9)

Existe harmonia na santíssima Trindade. Assim, “se o Pai elegeu alguns pecadores para a vida eterna, e o Espírito Santo aplica a obra salvadora de Cristo somente aos eleitos, então Cristo, em harmonia com o propósito do Pai e do Espírito, morreu na cruz unicamente pelos eleitos”.³⁶

4.2. João 5.21

Em João 5.21, Jesus afirma o seguinte: “Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer”. Geisler, ao comentar o texto, afirma: “Esse versículo é algumas vezes usado pelos calvinistas extremados em uma tentativa de provar a expiação limitada pela qual Cristo dá vida espiritual somente aos eleitos”.³⁷

Se a interpretação calvinista fosse verdadeira, Geisler destacaria três problemas decorrentes dela no texto. Em primeiro lugar, ela suspostamente contradiria João 3.16, 1 João 2.2 e 2 Pedro 2.1. De fato, como ele lembra: “To-

³⁴ *ibid.*

³⁵ Sinclair B. Ferguson, David F. Wright, *Novo dicionário de teologia*, p. 423.

³⁶ *Ibid.*

³⁷ *Op. cit.*, p. 89.

dos os verdadeiros calvinistas [...] creem que a Bíblia é a Palavra de Deus e que não se contradiz”.³⁸ Mas ele quer harmonizar a interpretação *arminiana* desses três textos com a interpretação *calvinista* (bíblica) de João 5.21. Ora, *todas* as interpretações arminianas dos textos acerca da salvação estão em jogo, e não apenas João 5.21! Os textos mencionados ensinam com nitidez a eleição incondicional e a expiação limitada, como Arthur W. Pink demonstrou com grande perfeição no clássico *The Sovereignty of God* [*A soberania de Deus*].³⁹

Em segundo lugar, Geisler afirma que o texto “não é uma referência à salvação, mas à ressurreição dos mortos”.⁴⁰ Seu último ponto, que tenta reforçar essa visão, afirma: a ressurreição “nesse capítulo de João, refere-se a ‘todos os que estiverem nos túmulos’ (5.28)”.⁴¹ Portanto, a ressurreição aplicável a salvos e não salvos.

Nessa passagem evidencia-se a irresponsabilidade exegética de Geisler, para dizer o mínimo. O texto de João 5 fala com clareza de duas ressurreições, a física e a espiritual. O texto de João 5.28, 29 diz: “Vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”. Esta é uma clara referência à ressurreição dos mortos, uma ocorrência futura em relação à audiência primária de Cristo, bem como da nossa geração. Salvos e não salvos participarão dessa ressurreição, e cada um receberá seu quinhão. Trata-se de um acontecimento indubitável, mas que ainda não chegou. Afinal, “vem a hora”.

Contudo, em João 5.25, Jesus diz: “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão”. Trata-se de outra ressurreição. A ressurreição que não aguarda o futuro, pois “vem a hora e *já chegou*”. A ressurreição que não é para todos, pois “o Filho vivifica aqueles a quem quer” (v. 21). Jesus está falando da ressurreição espiritual, do novo nascimento, da

38 Ibid.

39 Veja em especial os Apêndices 1 (*The Will of God*), 3 (*The Meaning of “Kosmos” in John 3:16*) e 4 (*1 John 2.2*). Existe uma versão editada deste clássico em português com o título *Deus é soberano* (São José dos Campos: Editora Fiel, 2. ed., 2011, 184p.).

40 Op. cit., p. 89.

41 Ibid.

passagem da morte para a vida. Aqui, em João 5.21, como em outros textos da Escritura, como João 1.13, aprendemos que o novo nascimento é obra da graça *soberana* de Deus.

Assim, de modo diferente de Geisler, o Rev. Heber Carlos de Campos não foge do ensino claro da passagem:

O texto [...] diz que Cristo não somente concede vida, mas que ele também possui o poder soberano de conceder vida eterna a quem quer. Não é uma questão de direito de receber vida, mas uma questão de soberania divina de conceder vida.⁴²

Perceba também que o texto não menciona apenas a soberania da graça, mas também sua irresistibilidade. Quando os mortos, isto é, os espiritualmente mortos, ouvem a voz do Filho de Deus, escutam e vivem de maneira inevitável: “Vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e *os que a ouvirem viverão*”. Somos surdos por natureza, por causa do pecado. No entanto, quando Deus começa a boa obra em nós, fazendo com que lhe ouçamos a mensagem, nós a ouvimos e vivemos de forma inevitável. É o que aconteceu com Lídia, de acordo com Atos 16.14:

Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia.

Não é necessária nenhuma obra regeneradora para a audição “externa” da mensagem do evangelho. Contudo, para ouvirmos com fé, carecemos que Deus mesmo já nos tenha aberto o coração e implantado fé nele, pois a fé é dom divino. E quando ouvimos dessa forma, o resultado é a vida que Cristo concede só aos seus (Jo 5.21).

João 5.21 e Atos 16.14 nos ensinam que, por causa do nosso estado — mortos em delitos e pecados —, faz-se necessária a obra regeneradora de Deus em primeiro lugar. O Senhor precisa nos dar vida para que possamos responder a seu chamado. Em outras palavras, a regeneração precede a fé. Não acreditamos para nascer de novo; nascemos de novo para podermos crer.

O Apêndice 10 do livro de Geisler tem por título “A regeneração vem antes da fé?”. O desespero do irmão arminiano é notório nas confusões que faz. O primeiro texto analisado é Atos 13.48, em que se lê:

42 *O ser de Deus e os seus atributos* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002), p. 151.

Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna.

O texto fala com nitidez da eleição ou predestinação para a vida eterna. Não se trata de um texto sobre o lugar da regeneração na *ordo salutis* [ordem da salvação]. Geisler, contudo, assevera o seguinte:

Do fato de que todos os que foram preordenados para a salvação acabam crendo, alguns calvinistas extremados concluem que a salvação é anterior à fé.⁴³

Uma afirmação absurda. Se a salvação antecede à fé, por que seria necessário crer? Mas quem seriam os “alguns calvinistas extremados”? Temo que eles não existam, e isso seja mera distorção dos fatos por Geisler. O antecedente da fé não é a salvação, mas a eleição. As pessoas dadas pelo Pai ao Filho foram eleitas *para* a salvação — a salvação que receberão no tempo e no espaço *por meio* da fé.

Contudo, o próprio Geisler parece confundir salvação com regeneração. Ele continua:

O texto fala da fé como uma condição para se obter salvação, pois a Bíblia em todo lugar diz que a fé vem *primeiro* e, depois, a regeneração.⁴⁴

O que ocorre depois da fé? Salvação ou regeneração? Geisler parece usar os termos de forma intercambiável, mas eles não o são. Embora estejam inter-relacionados, não podemos confundir eleição com salvação, nem salvação com regeneração. Fomos eleitos na eternidade, mas salvos apenas no tempo. A salvação se dá apenas quando, com arrependimento e fé, cremos no Senhor Jesus Cristo. Mas o arrependimento e a fé devem ser precedidos pela obra do Espírito Santo, conhecida por regeneração ou novo nascimento, mediante a qual ele retira o coração de pedra e nos dá o coração de carne.

Geisler analisa a seguir Efésios 2.1-4, este sim um texto sobre regeneração e fé. Lê-se no versículo 4: “Estando nós mortos em nossos delitos, nos

43 Op. cit., p. 89.

44 Ibid., p. 262.

deu vida juntamente com Cristo”. Podemos ser salvos por causa da concessão de vida (regeneração), “mediante a fé” (v. 7).

Contudo, mais uma vez Geisler confunde salvação com regeneração, e afirma:

Nessa passagem o apóstolo cita a fé como logicamente anterior à salvação... Claramente, a fé é o meio e a salvação é o fim. O meio vem antes do fim; em consequência, a fé vem logicamente antes da salvação.⁴⁵

Sim, mas não antes da regeneração! Dr. Geisler poderia ao menos prestar atenção ao título do seu Apêndice.

Por último, Geisler analisa Efésios 2.8, um versículo, segundo ele, que os calvinistas usam “para provar que a salvação é anterior à fé”. Desta vez, em lugar de dizer que alguns fazem isso, ele cita nomes: “calvinistas radicais, desde os últimos escritos de Agostinho, passando pelo Sínodo de Dort e chegando a R. C. Sproul”.⁴⁶ Bem, o texto inspirado diz o seguinte:

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus.

Outra vez, nenhum calvinista tenta provar com textos da Escritura que a “salvação é anterior à fé”. Isso é calúnia! Nos debates soteriológicos, o texto de Efésios 2.8 é usado muitas vezes para comprovar o caráter de dom divino da fé. Talvez Geisler saiba disso, pois, apesar da calúnia, é exatamente a esse ponto que ele volta sua atenção. E tenta provar que o “dom de Deus” no versículo se refere à salvação pela graça, e não pela fé. Ou seja, a salvação pela graça é um dom de Deus, mas a fé não. Ele cita com aprovação Archibald Thomas Robertson: “Graça é a parte de Deus; fé é a nossa”.⁴⁷

Ora, mesmo que a expressão “dom de Deus” se refira à salvação pela graça,⁴⁸ isso não significa que a fé seja nossa, produto do esforço ou da escolha humana. O texto não diz isso! No Apêndice 8, “Uma avaliação dos Cânones de Dort”, Geisler já havia expressado sua opinião sobre Efésios 2.8:

45 Ibid., pp. 262-3.

46 Ibid., p. 263.

47 *Words pictures in the New Testament*, 4:525.

48 Algo disputado por diversos comentaristas, mesmo calvinistas.

“O dom de Deus” não se refere à fé, mas à salvação pela graça. É duvidoso que qualquer texto bíblico ensine que a fé seja um dom dado somente aos eleitos. A fé é um dom de Deus, que é oferecido a todos.⁴⁹

Quanta confusão! Geisler rejeita que o “dom de Deus” em Efésios 2.8 se refira à fé, mas em seguida afirma que a fé é “dom de Deus”. Qual o texto bíblico para afirmar isso? E mesmo que fornecesse um texto adicional para provar que a fé é dom de Deus,⁵⁰ o que dizer da afirmação de Robertson, citada por ele com aprovação? A fé é nossa parte na salvação, ou se trata de dom divino?

Diferentemente de Paulo, Geisler fala do “dom de Deus” como possibilidade, não como realidade. O dom divino, do qual Paulo fala, leva à salvação mediante a fé. O de Geisler, por sua vez, é mera possibilidade; ele é oferecido a todos, mas não produz nada em ninguém.

Por fim, gostaria de chamar a atenção para a afirmação ousada de Geisler, presente no trecho já citado: “É duvidoso que qualquer texto bíblico ensine que a fé seja um dom dado somente aos eleitos”. Como assim? O que dizer sobre Tito 1?

Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, *para promover a fé que é dos eleitos de Deus* e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade.

Paulo diz com toda a clareza que a fé “é dos eleitos de Deus”. Além disso, em 2 Tessalonicenses 3.2, ele afirma: “A fé não é de todos”.

Por que Geisler não comentou essas passagens? E o que dizer de Atos 13.48?

Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e *creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna*.

A fé pertence apenas aos eleitos. É dom divino concedido só aos destinados à vida eterna. Por isso o apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo,

49 Op. cit., p. 244.

50 Aliás, essa é uma abordagem possível, feita por alguns calvinistas. Eles provam que a fé é dom divino com base em outros textos bíblicos, e não com base em Ef 2.8, no qual supostamente a gramática grega sugere ser a salvação pela graça “o dom de Deus”.

afirma: “Não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia” (Rm 9.16).

Aliás, de modo diverso da afirmação de Geisler, Efésios 2.8 ensina sim que a fé é um dom de Deus. Gordon Clark, no comentário sobre a epístola de Efésios, comenta, surpreso, que em mais de uma ocasião ouviu diretores e professores de seminários afirmarem que o grego *touto* (*isto*) é neutro e, portanto, não pode se referir ao substantivo *fé*, que é feminino. “Até mesmo A. T. Robertson”, escreve Clark, “que sem dúvida tem certa reputação como erudito do grego [...] usa esse argumento e nega que *touto* possa se referir a *pisteōs*”.⁵¹ Em muitos casos, essa argumentação é feita por causa de pressupostos arminianos, pois a “fé deve ser obra do livre-arbítrio e não um dom de Deus”.⁵²

Clark oferece duas respostas conclusivas a essas afirmações, uma gramatical e outra lógica. Assim:

Em sentido gramatical, pronomes demonstrativos neutros, mesmo no grego clássico mais preciso, muitas vezes se referem a substantivos femininos, em especial a substantivos femininos abstratos. Por isso, é falso dizer que *touto* não pode se referir à fé. Diretores de seminários deveriam aperfeiçoar seu grego.⁵³

Em segundo lugar, em sentido lógico:

Mesmo que *touto* se refira à expressão toda, “pela graça sois salvos, mediante a fé”, ou menos provavelmente só à metade dela, “pela graça sois salvos”, ainda se exclui o livre-arbítrio, pois a primeira parte da frase com “sois salvos”, inclui todos os fatores na salvação e, portanto, inclui a fé também. Diretores de seminários deveriam aperfeiçoar sua lógica.⁵⁴

Além das considerações gramaticais e lógicas, Clark sepulta a argumentação arminiana da seguinte forma:

Em adição aos dois pontos que refutam a afirmação de que *isto* não pode se referir à fé, a terceira consideração demonstra que

51 *Ephesians*, p. 73.

52 *Ibid.*

53 *Ibid.*

54 *Ibid.*

isto se refere à fé. O pensamento principal e controlador de Paulo no contexto é a graça divina na salvação. O versículo 4 menciona a grande misericórdia e o amor de Deus, nossa morte e, portanto, a desesperança no pecado, e o versículo 7 repete a ideia da riqueza da graça de Deus. O versículo presente continua o tema. A interpretação arminiana, agramatical e ilógica, diz algo semelhante a: “Vós sois salvos pela fé; vossa salvação é um dom de Deus, vossa salvação não é pelas obras”. Mas isso é fraco e redundante. Compare com a interpretação calvinista, lógica e gramatical: “Vós sois salvos pela graça mediante a fé; mesmo essa fé não tem origem em vós; a fé também é dom de Deus”. Isso é poderoso em contraste com a inanidade insípida da outra sentença.⁵⁵

Poderíamos citar outros teólogos e eruditos em grego para mostrar a tolice da interpretação de Geisler, mas devemos prosseguir.⁵⁶ Contudo, antes de passar para outra passagem bíblica analisada por ele, são necessárias umas poucas palavras sobre a regeneração precedente à fé. Os arminianos não percebem sua *necessidade*, pois ignoram o ensino bíblico sobre o estado do homem sem Cristo. Nenhum ser humano busca a Deus antes que o Senhor mesmo lhe transforme o coração (Rm 3.11). Por isso os cinco pontos do calvinismo começam, de forma muito didática, com a depravação total. Só quando percebemos quem é o homem pode-se compreender que sempre é necessária a iniciativa divina, e só a divina, para alcançá-lo.

Ainda que diversas passagens e ensinamentos da Escritura demonstrem a necessidade de Deus nos regenerar, antes que possamos nos voltar em fé para ele, o Evangelho de João é suficiente para nos mostrar isso. Em João não existem apenas o famoso encontro de Jesus e Nicodemos e a afirmação do Senhor acerca da indispensabilidade do novo nascimento. Ali se encontra também a descrição dos ainda não regenerados. E ela esclarece a impossibilidade de os homens fazerem algo antes que Deus os regenere. Herman Bavinck (1854-1921), o famoso teólogo holandês, apresenta um belo apanhado do ensino de João sobre o novo nascimento ou regeneração:

⁵⁵ Ibid., pp. 73-4.

⁵⁶ Poderíamos até analisar a continuação da passagem, Ef 2.9, em que se lê: “não de obras, para que ninguém se glorie”. Como diz Clark: “Mesmo que houvesse certa plausibilidade em referir *touto* a toda a frase (incluindo-se a fé), o versículo 9 parece restringir a referência à fé como tal” (p. 74).

Todo o que é nascido da carne é carne (Jo 3.6) e hostil a Deus. Aqueles que são nascidos apenas de descendência natural (Jo 1.13) são do mundo (Jo 8.23) e pertencem ao mundo (Jo 14.17,19,22; *etc.*), são de baixo (Jo 8.23) e do diabo (Jo 8.44), não compreendem a luz do Logos (1.5), não o recebem (Jo 1.11), amam as trevas mais do que a luz (Jo 3.19,20), não ouvem o que Deus diz (Jo 8.47), não conhecem a Deus (Jo 8.19; 15.21), não veem o reino de Deus (Jo 3.3), andam em trevas (Jo 12.35), odeiam a luz (Jo 3.20) e são escravos do pecado (Jo 8.34). Eles também *não podem* ver o reino de Deus (Jo 3.3), crer (Jo 5.44; 12.39), ouvir a Palavra de Deus (Jo 8.43), vir a Cristo (Jo 6.44) ou receber o Espírito Santo (Jo 14.17). O que é necessário, portanto, é o novo nascimento ou regeneração.⁵⁷

Não obstante toda a trágica descrição, é essa pessoa que, segundo Geisler e tantos outros arminianos, pode vir a Cristo, crer e ser regenerada. Esse não é o ensino do apóstolo João, nem da totalidade da Escritura.

4.3. Romanos 9.11-13

A última passagem “calvinista” que analisaremos é Romanos 9.11-13, em que se lê:

E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço. Como está escrito: Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú.

Difícilmente uma discussão acerca de eleição deixa de fora a passagem de Romanos 9. Afinal, a passagem é um dos lugares em que Paulo fala com mais clareza sobre o assunto. A maioria dos arminianos tenta fugir do peso da passagem alegando que Deus não fala da eleição individual, mas da corporativa. Essa é a estratégia de Geisler, usando como prova desesperada Gênesis 25.23.⁵⁸

O segundo ponto de Geisler é totalmente irrelevante. Ele afirma: “Sem levar em conta a eleição corporativa de Israel como uma nação, cada indi-

57 *Dogmática reformada — Espírito Santo, Igreja e nova criação* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012), p. 52.

58 Op. cit., p. 95.

víduo tem de aceitar o Messias a fim de ser salvo”.⁵⁹ Mas isso nunca foi discutido. O calvinismo não declara, e nunca declarou, que a eleição substitui a fé. Antes, a fé é o produto histórico, ou a manifestação, da eleição eterna. Os eleitos na eternidade inevitavelmente depositarão fé em Jesus Cristo no tempo determinado pelo próprio Deus.

Aliás, esse não é o único lugar em que Geisler tenta passar a ideia de que os calvinistas ensinam a dispensabilidade da fé. Por exemplo, no patético Apêndice 2 (“Será que Calvino era calvinista?”), ele tenta colocar os ensinamentos do reformador contra os de quem ele classifica como “calvinistas extremados”. E o faz utilizando os escritos de Calvino que mencionam a morte de Cristo, nos quais Geisler vê supostamente a defesa da universalidade da extensão da expiação.⁶⁰ Em determinado momento ele cita uma passagem das *Institutas* e do comentário de *Hebreus*, para provar duas coisas: 1) a morte de Cristo é aplicada só a quem crê, e 2) a salvação é aplicada só a quem crê.⁶¹ Mais uma vez, Geisler lida com questões não disputadas. Ou ele desconhece o calvinismo — e a verdadeira essência do debate —, ou ele tenta enganar o leitor de forma deliberada e demonstrar que o “calvinismo extremado” é obviamente uma abominação. Ora, não desfrutaremos dos benefícios da morte de Cristo “enquanto não nos tornemos um com ele”,⁶² pela fé, e “os frutos dela [da salvação] não vêm a qualquer um, senão somente àqueles que são obedientes”.⁶³ A grande questão é: Por que alguns têm fé e outros não? Por que alguns obedecem ao evangelho, e outros não? Paulo, de maneira retórica, responde a isso em 1 Coríntios 4.7:

Pois, quem te faz diferente dos demais? E o que tens que não tens recebido? E, se o recebeste, por que te orgulhas, como se não o tivesses recebido?⁶⁴

O terceiro ponto de Geisler é puro desespero. Contrariando de forma inequívoca a afirmação do texto inspirado, Geisler assevera: “O ‘amor’ de

59 Ibid.

60 A tese de que Calvino rejeitou a expiação limitada foi propagada por Robert T. Kendall, em *Calvin and English Calvinism in 1649*.

61 Op. cit., p. 179.

62 João Calvino, *Institutas* 3.1.1.

63 João Calvino, *Hebreus* — Série Comentários Bíblicos (São José dos Campos: Fiel, 2012), p. 132.

64 Versão Almeida Século 21.

Deus por Jacó ou o ‘ódio’ por Esaú não dizem respeito a esses homens antes que nascessem, mas muito tempo após terem vivido”.⁶⁵ O motivo é que, segundo ele, a citação de “Romanos 9.13 não é de Gênesis, quando eles viveram (c. 2000 a.C.), mas de Malaquias 1.2, 3 (c. 400 a.C.), muito depois de terem morrido!”.⁶⁶ Assim, ele usa Gênesis para tentar provar que a eleição é corporativa, e depois abandona Gênesis para tentar provar que o ódio se refere a eventos muito posteriores ao tempo em que Esaú e Jacó viveram: “Os atos maus feitos pelos edomitas aos israelitas são muito bem documentados no Antigo Testamento [...] e é por isso que é dito que Deus os tem odiado como país.”⁶⁷ Mas o texto de Romanos não diz que Deus odiou Esaú por causa dos seus pecados, mas antes mesmo de ele praticar o bem ou o mal. Como bem disse o Rev. Heber Carlos de Campos:

Certamente, a razão do ódio de Deus não está em Esaú pelo fato de ele ser pecador. Se assim fosse, ele haveria de odiar Jacó, porque este também era pecador (talvez tenha cometido atos pecaminosos piores que Esaú em sua vida) e, todavia, Deus o amou com amor de eleição.⁶⁸

Essa é a interpretação de um “calvinista extremado”, segundo Geisler. Ainda de acordo com ele, ela ultrapassa a opinião de João Calvino. Contudo, vejamos o que o reformador disse sobre a passagem. A argumentação é tão clara e bela que não preciso pedir perdão pela extensão:

Tratemos agora dos réprobos, dos quais Paulo fala também na citada passagem [Romanos 9]. Porque, como Jacó, não tendo mérito algum por suas boas obras, foi aceito pela graça, também Esaú, não tendo feito nenhuma ofensa, foi rejeitado por Deus. Se dirigíssemos nossas reflexões às obras, faríamos injúria ao apóstolo, como se ele não tivesse enxergado algo que para nós é evidente. Ora, que ele não viu isso está patente, porque especificamente ele segue esta linha: nenhum dos dois fez nem o bem nem o mal, e um deles foi escolhido e o outro reprovado; donde se conclui que o fundamento da predestinação não está nas obras. Ademais, tendo feito esta pergunta, se Deus é injusto, Paulo não alega que Deus

65 Op. cit., p. 95.

66 Ibid.

67 Ibid.

68 *O ser de Deus e os seus atributos*, p. 354.

deu a Esaú o que a sua maldade merecia (com o que ficaria clara e certa a defesa da equidade de Deus). Mas ele apresenta uma solução inteiramente diversa. Diz ele que Deus suscita os réprobos a fim de neles exaltar a sua glória. Finalmente ele acrescenta, em conclusão, que Deus faz misericórdia a quem lhe parece bem, e endurece a quem lhe parece bem. Vemos que o apóstolo subordina um e outro ao beneplácito de Deus. Então, se não podemos atribuir outra razão pela qual Deus aceita os seus eleitos que não seja o seu agrado, tampouco teremos outra razão pela qual ele rejeita os demais, senão a sua vontade. Porque, quando se declara que Deus enderece ou faz misericórdia conforme o seu beneplácito, essa declaração é feita para nos advertir de que não procuremos causa nenhuma fora da sua vontade.⁶⁹

O que poderia ser mais claro? Calvino desmantela vários argumentos arminianos, e demonstra de modo compreensível que, longe de ser menos calvinista que os “calvinistas extremados”, são exatamente estes que precisam aprender com o mestre de Genebra.⁷⁰

Ora, é claro que Paulo nesta passagem apela a Malaquias 1.2, 3, onde se lê:

Eu vos tenho amado, diz o SENHOR; mas vós dizeis: Em que nos tens amado? Não foi Esaú irmão de Jacó? — disse o SENHOR; todavia, amei a Jacó, porém aborreci a Esaú; e fiz dos seus montes uma assolação e dei a sua herança aos chacais do deserto.

O profeta introduz a profecia dizendo: “Sentença pronunciada pelo SENHOR contra Israel” (1.1) e nos versículos 3 a 5 menciona os edomitas, a desolação de sua terra, bem como a indignação perpétua do Senhor contra eles. Assim, como lembra o notável John Murray, os povos procedentes de Jacó e Esaú são ressaltados. Mas,

não podemos desprezar a importância da mensagem para os próprios indivíduos Jacó e Esaú. Por que houve esta diferenciação entre Israel e Edom? Porque existia diferença entre Jacó e Esaú.

⁶⁹ *As Institutas* — Edição especial — vol. 3 (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006), pp. 47-8.

⁷⁰ Klooster, no livro *Calvin's Doctrine of Predestination*, mostra como, para Calvino, a causa da reprovação não estava no pecado humano, nem no pré-conhecimento do pecado (obras más), e sim na vontade soberana de Deus. Veja Fred H. Klooster, *Calvin's Doctrine of Predestination*. 2nd ed. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1984), pp. 60-79.

Seria tão insustentável desvincular os destinos dos respectivos povos da diferença existente entre os indivíduos, assim como seria insustentável fazer separação entre a diferença dos indivíduos e os destinos das nações que deles precederam.⁷¹

Em quarto e último lugar, Geisler afirma: “A palavra hebraica⁷² para ‘odiei’ (rejeitei) na verdade significa ‘amar menos’”.⁷³

O termo hebraico aborreci/odiei/rejeitei em Malaquias 1.2 é *sānē*. É a mesma palavra usada em Gênesis 29.31, em que se lê: “Vendo o SENHOR que Lia era desprezada [*sānē*]...”. Daí Geisler conclui que não se trata de “ódio ativo, mas meramente um amor menor”.⁷⁴

Embora as palavras sejam idênticas, o contexto é fundamental para resolver a questão. Douglas J. Moo, por exemplo, esclarece a dúvida da seguinte forma:

Alguns pensam que “odiei” também pode significar, para os semitas, “amei menos”. Mas o contexto do Antigo Testamento aponta para uma direção diferente. O contexto é sem dúvida factual, de forma que “amei” significa, com efeito, “escolhi”, enquanto que “odiei” significa “rejeitei”.⁷⁵

Ora, Deus é impassível;⁷⁶ portanto, como lembra Moo em outro livro, “‘amor’ e ‘ódio’ não são aqui [...] emoções sentidas por Deus, mas ações tomadas por ele”.⁷⁷ O amor divino em relação a Jacó consistiu na eleição, na escolha divina para herdar as bênçãos prometidas em primeiro lugar a Abraão. O ódio relativo a Esaú, então, deve ser entendido como o oposto do amor divino. Ou seja, a decisão de não escolher Esaú e, assim, não lhe conceder as bênçãos de Abraão.

Há, todavia, um problema adicional. Como lembra Thomas R. Schreiner, mesmo que a opção “amei menos” fosse correta — o que é duvidoso aqui

71 *Romanos* (São José dos Campos: Editora Fiel, 2003), p. 383.

72 Do texto de Malaquias.

73 Op. cit., p. 95.

74 Ibid.

75 *The NIV Application Commentary: Romans* (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 301.

76 Para a defesa da posição reformada clássica sobre a impassibilidade divina, veja o excelente *God Without Passions: A Reader* (Palmdale, CA: RBAP, 2015). O livro foi editado por Samuel Renihan e prefaciado por Carl Trueman.

77 *The Epistle to the Romans*, NICNT (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1996), p. 587.

—, isso dificilmente diminuiria o problema dos arminianos. Afinal, o texto afirmaria que Deus depositou sobre Jacó um amor especial e maior, e privou Esaú dele.⁷⁸

Como já mencionamos antes, os erros recorrentes de Geisler tornam impossível o tratamento pleno em um artigo de tamanho médio. Assim, antes de passarmos para a próxima seção, exploraremos apenas *dois* dos versículos “arminianos” interpretados por Geisler.⁷⁹

4.4. 2 Pedro 3.9

Em primeiro lugar, vejamos 2 Pedro 3.9. O texto inspirado diz: “Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”.

Para Geisler,⁸⁰ Deus não quer que ninguém se perca, pois ele é amor.⁸¹ Em outras palavras, dizer que Deus deseja a salvação de apenas algumas pessoas significa negar o amor de Deus. Não é preciso muito esforço para percebermos a similaridade entre este argumento e os ouvidos de incrédulos ou céticos: a doutrina do inferno e do castigo eterno são mitos, pois Deus é amor. É o mesmo pressuposto conducente a posicionamentos diferentes pela assunção do conceito antibíblico sobre o amor divino.

Geisler diz que a interpretação dos calvinistas não é razoável, pois “as palavras são limitadas sem seus significados pelo contexto”. As duas interpre-

78 *Romans* (Grand Rapids: Baker Academic, 2006), p. 501.

79 James R. White diz que Mt 23.37, 1Tm 2.4 e 2Pe 3.9 são os “três grandes versículos” utilizados por Geisler repetidas vezes ao longo do livro para refutar o calvinismo. Cf. *The Potter’s Freedom*, p. 136.

80 Op. cit., p. 229.

81 Geisler cita como apoio do seu argumento a passagem de 1Tm 2.4, um versículo às vezes interpretado com “lentes arminianas” (desnecessariamente, é claro) mesmo por calvinistas (inconsistentes!). Naquele que talvez seja o pior livro da Editora PES, *Spurgeon versus hipercalvinismo*, Ian Murray cita um sermão em que Spurgeon critica os “hipercalvinistas” que interpretam “todos os homens” como “todos os tipos de homens”. Para Spurgeon, essas pessoas se distanciaram do ensino e da interpretação de Calvino. De maneira no mínimo interessante, a interpretação rejeitada por Spurgeon é exatamente a exegese feita por Calvino de 1Tm 2.4. Veja João Calvino, *Pastorais* — Série Comentários Bíblicos (São José dos Campos: Fiel, 2009), p. 56-8. A interpretação de Calvino é idêntica à de outros teólogos e eruditos como, por exemplo, John Gill, William Hendriksen e Gordon H. Clark. James White reconhece que Spurgeon não apresenta uma interpretação reformada para 2Pe 3.9 (*The Potter’s Freedom*, p. 143).

tações calvinistas apresentadas por Geisler são as seguintes: a) *todos* significa todas as pessoas sem distinção; b) *todos* significa todos os eleitos. Contudo, veremos que a exata posição de Geisler não permite que as palavras sejam “limitadas sem seus significados pelo contexto”.

Em primeiro lugar, a passagem de 2 Pedro 3.9 não é interpretada como “todos os tipos de gente”. Essa, em geral, é a interpretação dada a 1 Timóteo 2.4.⁸² Isto é, ao dizer que “Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”, “Paulo está desejoso de ressaltar a compaixão divina para com todas as pessoas independentemente de raça, posição ou condição social. Ele provavelmente está combatendo uma tendência ao elitismo que tenta limitar inadequadamente a compaixão de Deus”.⁸³ Em outras palavras, ao criticar a interpretação calvinista de 2 Pedro 3.9, Geisler cita a interpretação calvinista de 1 Timóteo 2.4.⁸⁴ Um movimento obviamente desonesto.

Em segundo lugar, o imperativo apresentado por Geisler, de que o contexto deve limitar o significado da palavra *todos*, é cumprido pela interpretação calvinista, e não pela proposta por Geisler. Afinal, Pedro começa o versículo afirmando que Deus não retarda a promessa. Que promessa? A promessa da sua vinda, de acordo com o versículo 4. Muitos escarneciam da aparente demora da Segunda Vinda de Cristo, como se as coisas permanecessem idênticas desde o começo da Criação. Pedro explica que a demora é apenas aparente, pois Deus não retarda sua promessa. A explicação de Pedro

82 Veja a nota anterior.

83 Donald A. Carson [et al.], *Comentário bíblico: Vida Nova* (São Paulo: Vida Nova, 2009), p. 1947.

84 Além disso, Geisler diz: “Deus Espírito Santo era certamente capaz de usar a palavra ‘alguns’ em vez de ‘todos’” (p. 229). Esse é um argumento tolo e falacioso. Por exemplo, o próprio apóstolo Pedro (2Pe 3) afirma que há algumas passagens difíceis de entender nos escritos de Paulo. Contudo, Deus Espírito Santo seria capaz de fazer Paulo registrá-las de maneira menos difícil, e até mesmo de explicar com mais detalhes muitas doutrinas (como Jesus explicava suas parábolas). Assim, é inútil dizer que o Espírito Santo seria “certamente capaz de usar a palavra ‘alguns’ em vez de ‘todos’”. Mas ele não o fez! Como disse Arthur W. Pink, a Escritura não é um livro para preguiçosos. Assim, quando lemos que “toda a Judeia e toda a circunvizinhança do Jordão” vinha até João Batista, e “eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados” (Mt 3.5,6), precisamos estudar o restante do Evangelho. Não poucos rejeitavam o ministério de João e não acreditavam no batismo dele (Mt 21.25). Em outras palavras, “toda a Judeia” significa “alguns ou muitos da Judeia” e “toda a circunvizinhança do Jordão” significa “alguns ou muitos da circunvizinhança do Jordão”. Novamente, o Espírito Santo seria capaz de ter se expressado assim, mas ele não o fez. Como na salvação, Deus é soberano para escolher as próprias palavras.

é a seguinte: “Pelo contrário, ele é longânimo *para convosco*”. O apóstolo está dizendo que Deus era longânimo para com seus leitores. E, por causa dessa longanimidade, ele não queria que nenhum dos leitores perecesse, mas que todos eles chegassem ao arrependimento.

Entender o versículo de outra forma não faria sentido. Eu não poderia colocar isso de forma melhor que Clark:

Pedro nos diz que o retorno de Cristo aguarda o arrependimento de certas pessoas. Ora, se a volta de Jesus espera pelo arrependimento de todos os indivíduos sem exceção, Cristo nunca retornaria. Muitos morreram sem se arrepender, e esse número cresce a cada dia. A única vez que todos os indivíduos chegaram ao arrependimento ocorreu quando Adão e Eva se arrependeram e foram cobertos com peles.⁸⁵

Além disso, Clark tenta mostrar que não se trata de uma nova interpretação. Afinal, na obra *O pastor*, de Hermas, escrita entre 130 e 150 d.C., encontra-se o seguinte: “Mas o Senhor, sendo longânimo, deseja que os chamados por meio de seu Filho sejam salvos”. Para Clark, “essa citação mostra como o versículo era entendido no século II. Deus deseja salvar os chamados ou eleitos”.⁸⁶

Assim, o significado de 2 Pedro 3.9 é que Deus concede tempo para que todos os seus eleitos se arrependam, “até que haja entrado a plenitude dos gentios” (Rm 11.25).

E mesmo que o texto significasse a proposição de Geisler (algo impossível, pois a Escritura não se contradiz!), os arminianos ainda estariam em apuros. Afinal, 2 Pedro 3.9 declara: Deus quer que “todos cheguem ao arrependimento”. Mas quem concede o arrependimento em primeiro lugar? A Bíblia diz que Deus, “com a sua destra”, exaltou Jesus “a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados” (At 5.31). Os crentes glorificaram a Deus quando ouviram que “também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida” (At 11.18). Paulo afirma que a bondade de Deus nos “conduz ao arrependimento” (Rm 2.4). O mesmo

85 *New Heavens, New Earth: A Commentary on First and Second Peter* (Jefferson: The Trinity Foundation, 1993), p. 231.

86 *Ibid.*, pp. 231-2.

apóstolo declara que precisamos ser pacientes, e disciplinar com mansidão os opositores do evangelho “na expectativa de que *Deus lhes conceda não só o arrependimento* para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez” (2Tm 2.25,26).

Se Deus deseja que todos os homens, sem exceção, cheguem ao arrependimento, por que ele não concede o arrependimento a todos? Por que o Senhor não concedeu arrependimento a Judas Iscariotes, mas apenas a Pedro? Por que ele não outorgou arrependimento a todos os fariseus, mas somente a Saulo?⁸⁷ “Porque assim foi do teu agrado” (Mt 11.26), ó Pai!

4.5. Mateus 23.37

O Evangelho de Mateus registra o seguinte incidente, conhecido nos debates sobre soteriologia,⁸⁸ pois ele supostamente prova a possibilidade de rejeição da graça de Deus:

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! (23.37)

Geisler cita esse texto onze vezes ao longo do livro, embora procuremos em vão a exegese cuidadosa da passagem. Eis algo do que encontramos:

Também Mateus 23.37 afirma enfaticamente que Jesus desejou trazer os judeus que o rejeitaram para o aprisco, mas eles não quiseram: “Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes que quis reunir os seus filhos como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, *mas vocês não quiseram*”. A graça de Deus não é irresistível para os que não a querem.⁸⁹

87 “O arrependimento é dom de Deus, e se ele quisesse, concederia o arrependimento a todos. Contudo, é óbvio que ele não o faz”. Cf. Gordon H. Clark, *New Heavens, New Earth*, p. 231.

88 Gordon Clark, após comentar os versículos do AT usados pelos arminianos no séc. XVIII, afirma o seguinte sobre Mt 23.37: “Um versículo muito conhecido que os arminianos usam hoje, e já usado em desfavor deste escritor muitas vezes”. Cf. Gordon H. Clark, *Predestination* (Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1987), p. 136.

89 Op. cit., p. 108 (grifos do autor).

Em outro lugar, o mesmo padrão se repete. A citação do versículo é acompanhada de uma única sentença: “Nada poderia ser mais claro: Deus queria que todos eles, mesmo os impenitentes, fossem salvos”.⁹⁰ Essa é toda a “exegese” do texto, desta vez precedida pelo seguinte subtítulo: “O significado claro de Mateus 23.37”.

Em outras palavras, Geisler não apresenta sua exegese, apenas conclusões. Ele não mostra como chegou a essas conclusões, embora afirme que “não poderia ser mais claro”.

Mas qual é o sentido da passagem? De modo geral, os arminianos (incluindo-se Geisler) interpretam esse texto como se Jesus quisesse salvar os judeus aos quais se referia na passagem. Ainda que esse fosse o desejo de Cristo, ele não pôde cumpri-lo. O motivo da impossibilidade residia no fato de os judeus não desejarem ser salvos. A conclusão, totalmente condizente com o sistema arminiano de ensino, é que a graça divina depende da vontade do homem. A graça de Deus não pode mudar a vontade humana. Como consequência: “o desejo de Deus pode ser frustrado em última instância, e sua graça resistida com sucesso”.⁹¹

A primeira coisa que precisamos perguntar é se existe justificativa para Geisler propor que “Jerusalém” no texto seja entendida como a representação de indivíduos judeus. Como sugerem James R. White e outros autores, o contexto não parece demandar o caráter universal do termo Jerusalém.⁹² Em vez disso, Jesus parece condenar os líderes judeus.

Em primeiro lugar, Deus enviou profetas aos líderes judeus. Eles mataram os profetas e apedrejaram os que lhes foram enviados.

Além disso, Jesus menciona “teus filhos”, contrapondo-os a Jerusalém. Ou seja, Jesus deseja reunir os filhos de Jerusalém, e não a própria cidade. Note que se retrata a indisposição de Jerusalém, não de seus filhos. Jerusalém não deseja que Jesus reúna os filhos dela.

O Senhor disse: “Quis eu reunir *os teus filhos*, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!”. A expressão “vós não

⁹⁰ Ibid., p. 232.

⁹¹ Vincent Cheung, *Invincible Faith*, p. 160. Disponível em: <http://goo.gl/KM0FsK>. Acesso em 02 de novembro de 2015.

⁹² *The Potter's Freedom*, pp. 136-9.

o quisestes” refere-se ao fato de os líderes judeus não desejarem que “quem se encontrava sob a autoridade deles ouvisse a proclamação de Cristo”.⁹³

Dessa forma, parece mais que apropriado entender Jerusalém em Mateus 23.37 como sinônimo dos líderes judeus, isto é: escribas e fariseus.

Portanto, a passagem versa sobre o mesmo assunto mencionado em Mateus 23.13:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!

Aliás, os versículos 13 a 36 são essenciais para o entendimento correto do versículo 37. Ali Jesus pronuncia um “ai” em seguida do outro, sempre sucedido por “Ai *de vós*, escribas e fariseus” ou algo similar. O Senhor Jesus estava se dirigindo a eles, escribas e fariseus. Como afirma o *Comentário bíblico Vida Nova* sobre Mateus 23.13-36:

Os versículos anteriores eram dirigidos à multidão e aos discípulos. Jesus prosseguiu, dirigindo-se diretamente aos escribas e fariseus com sete “ais” que se desenvolveram em um crescendo até atingir um poderoso clímax de repúdio à liderança deles.⁹⁴

No versículo 35 Jesus diz: “todo o sangue justo derramado sobre a terra” atingirá escribas e fariseus. No versículo 36 somos informados quando isso acontecerá: “Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a *presente geração*”. Jesus fazia referência inequívoca à destruição iminente do templo. A profecia foi cumprida em 70 d.C., durante aquela geração, a mesma geração a quem Jesus ministrou e pregou, a mesma geração que o perseguiu e crucificou. Os que não entravam no reino, e não deixavam os outros entrar, foram julgados no acontecimento fatídico. Jerusalém, isto é, os líderes judeus, escribas e fariseus, receberam o justo juízo divino.⁹⁵

John Gill apresenta uma interpretação coerente da passagem:⁹⁶

93 Ibid., p. 138.

94 Donald A. Carson [et al.] (São Paulo: Vida Nova, 2009), p. 1405.

95 E, obviamente, aguardam o juízo final, quando seu sofrimento será completo: corpo e alma lançados no fogo eterno, onde há pranto e ranger de dentes.

96 A resposta completa de John Gill (1697-1771) é tão devastadora que Clark, ao comentar sobre Mt 23.37, menciona apenas o famoso predecessor de Spurgeon. Cf. Gordon H.

As pessoas a quem Cristo reuniria não são representadas *indispostas* à reunião; são seus governantes que não o desejam. A oposição e resistência à vontade de Deus não partiam do povo, mas dos governantes. As pessoas comuns pareciam inclinadas a atender ao ministério de Jesus, como se percebe nas multidões que, em diferentes tempos e lugares, o seguiam; no entanto, os principais sacerdotes e governantes faziam todo o possível para impedir a adesão do povo a Cristo, e sua crença nele como Messias — ao difamar seu caráter, seus milagres e suas doutrinas, ao ameaçar o povo com maldições e excomunhões, promulgando uma lei para que quem o confessasse fosse expulso da sinagoga. Assim, o significado claro do texto é o mesmo do versículo 13 [...] consequentemente, não há prova da resistência dos homens comuns às operações do Espírito e à graça de Deus; no entanto, isso nos mostra que obstruções e desencorajamentos eram lançados no caminho de quem atendia ao ministério externo da Palavra.⁹⁷

Geisler está equivocado ao afirmar que o significado claro dessa passagem é: “Deus queria que todos eles, mesmo os impenitentes, fossem salvos”. Todo pecador não regenerado rejeita o ministério externo da Palavra.⁹⁸ Contudo, o evangelho chegará um dia não “somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo em plena convicção” aos eleitos de Deus, no tempo apontado em seu santo decreto. Paulo declara que essa é uma forma de reconhecermos a eleição divina (1Ts 1.4-6). Ou seja, todos os eleitos antes da fundação do mundo, predestinados à vida eterna, haverão de crer (At 13.48), pois Deus mesmo produz nos seus tanto o querer como o realizar (Fp 2.13).

V. MERA DISCUSSÃO ACADÊMICA?

É comum pessoas afirmarem que debates sobre predestinação, eleição, livre-arbítrio e temas correlatos não são úteis, constituindo apenas querelas acadêmicas. Ainda que alguém possa incorrer nesse erro, e discutir só pelo prazer do debate, ou por orgulho teológico, não se trata de forma alguma de um debate infrutífero.

Clark, *Predestination* (Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1987), pp. 136-9.

97 *The Cause of God and Truth* (The Baptist Standard Bearer, 1992), p. 29.

98 Como a Escritura é a Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo, pode-se dizer, em certo sentido, que os incrédulos rejeitam o Espírito Santo. Esse parece o sentido do que Estevão diz em At 7.51.

É interessante Geisler reconhecer que “ideias têm consequências”, sendo este o título do primeiro capítulo do seu livro.⁹⁹ De fato, as crenças influenciam nosso comportamento. Nossas ações têm origem, mesmo inconsciente, em nossas ideias. Como Richard M. Weaver¹⁰⁰ colocou em seu clássico:

Podem acusar-nos aqui de uma excessiva simplificação do processo histórico, mas mantenho a opinião de que as orientações políticas dos homens e dos governos não são meras racionalizações de algo que foi realizado por forças inexplicáveis. Elas são, antes, deduções feitas a partir das nossas ideias mais básicas a respeito do destino da humanidade e têm grande capacidade — embora não desimpedida — para determinar nossa trajetória.¹⁰¹

Dessa forma, “nossa teologia (as ideias sobre Deus) produzirá as consequências mais importantes sobre nossa vida”.¹⁰² Geisler está certo ao tentar mostrar que o ponto de vista correto sobre a soberania divina e a liberdade humana exercerá grande impacto sobre a forma como vivemos. Contudo, de modo diferente do que Geisler tenta provar, a interpretação calvinista dessas questões nos faz viver de maneira mais coerente com a mensagem do evangelho. Isso já era esperado, pois o calvinismo não ignora a totalidade do conselho de Deus.

Em *primeiro* lugar, a visão bíblica sobre a soberania divina na salvação gera humildade. Quando aprendemos que Deus nos escolheu a despeito de nós mesmos, à parte até mesmo das obras por ele previstas, o resultado inevitável é o quebrantamento. Quando Deus nos mostra na Escritura que só o escolhemos porque ele nos escolheu antes (Jo 15.16), não há lugar para vanglória. Aliás, esse é o ensino de Paulo em Efésios 2. Ele nos deu vida, quando ainda estávamos mortos em nossos delitos, portanto, totalmente incapazes de tomar a iniciativa para nossa salvação. A vida que Deus nos concedeu é outorgada só a quem ele quer (Jo 5.21). Com a vida recebemos também a fé — outro dom de Deus (Ef 2.8). Ou seja, a salvação não vem “de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.9).

99 Na terceira edição do livro *Chosen but free*, publicada em 2010. Este capítulo não existe na edição traduzida para o português.

100 Citado por Geisler, de cujo livro ele tirou o título do capítulo.

101 *As ideias têm consequências*. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 11.

102 Norman Geisler, *Chosen but free: a balanced view of God's sovereignty and free will* (Bloomington: Bethany House Publishers, 2010), p. 13.

Não fomos salvos por sermos mais espertos que nossos conhecidos incrédulos. Não fomos salvos por conseguirmos ponderar com mais seriedade sobre os resultados da incredulidade e da vida sem Cristo. Não fomos salvos pelo fato hipotético de Deus tentar resgatar todas as pessoas, sem exceção, e de nós termos dado o “primeiro passo”. Antes, fomos salvos porque Deus fez algo em nós que ele não decidiu realizar em todas as pessoas. A fé evidencia nossa eleição, ela não é sua causa — como Geisler e seu conceito arminiano da fé prevista ensinam.

Em 1 Tessalonicenses 1.4, Paulo reconhece a eleição dos irmãos porque “nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção”. Isto é, no tempo determinado por Deus, o evangelho inevitavelmente produzirá resultados nos eleitos para a salvação. Quanto aos réprobos, eles serão mais e mais endurecidos pela mensagem da cruz. Por esse motivo Paulo disse: “Nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida” (2Co 2.15,16).

Como Deus afirmou por meio do profeta Isaías: “A palavra que sair da minha boca [...] não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei” (Is 55.11). O fato de Deus ter predestinado que sua palavra produziria vida em nós, deveria nos levar à profunda humildade e gratidão.

Diante de tão grande graça, só podemos cantar um trecho de “How deep the Father love for us” [“Quão profundo o amor do Pai por nós”] com Stuart Townend:

*Why should I gain from His reward?
I cannot give an answer
But this I know with all my heart,
His wounds have paid my ransom.*¹⁰³

Em *segundo* lugar, o conceito bíblico sobre a soberania divina na salvação gera conforto. Saber que Deus é soberano e controla todas as coisas,

103 Copyright © 1995 Thankyou Music. Em português: “Por que devo me beneficiar com sua recompensa? / Não posso responder / Mas sei isto de todo coração: / Suas feridas pagaram meu resgate”.

incluindo nossa salvação serve como fonte de grande consolo e paz ao cristão.

O medo de perder o tesouro oculto, encontrado no campo, pode ser apavorante. E não poucos cristãos equivocados sofrem o terror da possibilidade da perda da preciosa salvação recebida em Cristo Jesus. Esse pavor consiste em um dos frutos inevitáveis do arminianismo. O medo instalado no coração de muitos cristãos genuínos encontra-se em total oposição à promessa feita por Jesus: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar” (Jo 10.28,29). Nada — nem meu pecado —, ninguém — nem o Diabo —, pode me arrebatar da mão de Cristo e do seu (e meu!) Pai. O arminianismo rouba do cristão um dos grandes tesouros do evangelho: a segurança inabalável em Cristo.

Refletindo o ensino bíblico, e em total oposição aos erros ensinados por Geisler e tantos outros, o *Catecismo de Heidelberg* responde da seguinte forma à pergunta “Qual é o seu único consolo na vida e na morte?”:

Que não pertenço a mim mesmo, mas pertenço de corpo e alma, na vida e na morte, a meu fiel Salvador Jesus Cristo. Ele pagou de modo cabal todos os meus pecados com seu sangue precioso e libertou-me do domínio do Diabo. Ele também me guarda de tal maneira que sem a vontade do meu Pai celeste nem um fio de cabelo pode cair da minha cabeça; na verdade, todas as coisas cooperam para minha salvação. Por isso, pelo seu Espírito Santo, ele também me assegura a vida eterna e faz-me disposto e pronto de coração a viver para ele de agora em diante.¹⁰⁴

O *Catecismo* resume de forma bela um ensino que percorre toda a Escritura. Em Romanos 5.8-11 Paulo afirma: enquanto éramos inimigos de Deus, fomos reconciliados com esse mesmo Deus mediante a morte do seu Filho unigênito. Ora, o que haveremos de esperar agora, pelo fato de já estarmos reconciliados? A perda da salvação? De maneira alguma! Essa é a lógica absurda do arminianismo. Em vez disso: “seremos salvos pela sua vida”!

Em Romanos 8 Paulo volta a tratar do mesmo assunto, com perguntas similares:

¹⁰⁴Zacharias Ursinus, G. W. Williard, *The Commentary of Dr. Zacharias Ursinus on the Heidelberg Catechism* (Cincinnati, OH: Elm Street Printing Company, 1888), p. 17.

Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? (v. 31,32)

O Deus que não poupou o próprio Filho, pelo amor ao povo eleito, com certeza dará a ele graciosamente o “dom da perseverança”, como disse Agostinho. Paulo continua suas perguntas perscrutadoras:

Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. (v. 33,34)

Todo pecado significa a violação da lei divina e o desafio à sua soberania e ao direito como Criador. Assim, toda transgressão é uma dívida para com Deus. No entanto, se nosso Credor nos justifica, quem nos pode acusar? Se Cristo morreu por nós, quem pode nos condenar? Paulo declara que Jesus não apenas morreu, agora ele intercede por nós! Em Hebreus, a ousadia é ainda maior, quando se diz que a segunda pessoa da Trindade “vive sempre para interceder” a favor de quem se aproxima de Deus por seu intermédio (Hb 7.25).

Quando Cristo estava na terra, sua intercessão impediu que a fé de Pedro naufragasse. Ou seja, Pedro perseverou na fé porque Cristo o preservou. Lê-se em Lucas 22.31, 32: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”.

Conhecemos o restante da história. Pedro não só foi restaurado e sua fé preservada, mas ele se tornou um dos principais líderes da igreja primitiva conforme o relato inspirado do livro de Atos. Teria o poder de intercessão de Cristo perdido a eficácia? Que Deus nos livre desse pensamento blasfemo! Se ao habitar entre nós sua intercessão era eficaz, quanto mais agora estando ele “à direita de Deus” e “intercede[ndo] por nós” (Rm 8.34)?

Por fim, Paulo pergunta:

Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? (Rm 8.35)

E a resposta inspirada pelo próprio Deus é a seguinte:

Eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (v. 37-39)

Nada pode nos separar de Cristo! Nem mesmo nossas decisões “do presente, nem do porvir”. Nem o Diabo pode me fazer perder a salvação, pois Paulo assegura que nenhuma *criatura* pode nos separar do amor de Deus. (E o termo *criatura* inclui a mim mesmo.) Por isso podemos afirmar com confiança: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

Poderíamos continuar elencando os benefícios dessa doutrina. Afinal, ela faz parte do cânon sagrado, que o apóstolo Paulo declarou útil para tudo (2Tm 3.16,17). Nossa evangelização, nossas orações¹⁰⁵ e a própria adoração são transformadas por completo à luz da doutrina correta a respeito da identidade de Deus, do que ele realizou em prol do seu povo em Cristo, e do que ele faz e fará por meio da ação do seu Espírito, que acompanha a pregação genuína do evangelho.¹⁰⁶

Como diria Arthur W. Pink,¹⁰⁷ a soberania de Deus aprofunda nossa veneração do caráter divino, constitui o sólido fundamento de toda a religião verdadeira, repudia a heresia da salvação pelas obras, humilha profundamente a criatura, fornece o senso de segurança absoluta, confere conforto na tristeza, gera o espírito de doce resignação, evoca um cântico de louvor,

105 Estranhamente, Geisler (p. 156) afirma que o calvinismo “mina a motivação para a oração intercessória”. Quanta distorção! Exatamente pelo fato de Deus controlar todas as coisas eu tenho motivos sobejos para orar. Nem mesmo um Saulo, respirando ameaças de morte (At 9), é obstáculo para o Deus que inclina o coração o rei para onde deseja (Pv 21.1).

106 Recomendo o livro *Calvinismo: as antigas doutrinas da graça* (Ananindeua: Knox Publicações, 2009), do Rev. Paulo Anglada. No capítulo 7, com título “Calvinismo e evangelismo”, o autor mostra como a doutrina da soberania de Deus na salvação corrige a evangelização superficial, e por vezes enganoso, dos nossos dias. No capítulo 8, “Calvinismo e vida cristã”, implicações práticas da doutrina como a segurança da salvação, o conforto nas provações, a humildade e a tolerância são revisitadas.

107 No capítulo 12 do livro *The Sovereignty of God*, intitulado “O valor desta doutrina”, Pink apresenta dez bênçãos derivadas do estudo da soberania divina. Recomendo a leitura integral desse livro, e não só do capítulo que trata do valor desta doutrina.

garante o triunfo final do bem sobre o mal e fornece um lugar de descanso para o coração.

VI. CONCLUSÕES FINAIS

Com certeza, se Geisler tivesse lido as obras de seu tradutor brasileiro, não teria escrito tantas tolices. Se Geisler fosse um fiel expositor das Escrituras, seu livro teria outro título. Em vez de “Eleitos, mas livres”, seria algo como “Eleitos, por isso livres”. Afinal, a única liberdade de um filho de Adão decorre da eleição divina. Não a liberdade para escapar de Deus ou dos planos divinos, mas a liberdade de viver para Deus. Por nossa natureza somos escravos, não livres; escravos dos nossos pecados, das nossas concupiscências, do Diabo e do mundo. Mas os eleitos para a salvação, antes da fundação do mundo, desfrutam verdadeira liberdade.

O Deus que os elegeu antes que houvesse tempo, determinou que eles fossem alcançados no tempo e no espaço por sua graça regeneradora. Por meio da obra eficaz do Espírito Santo, Jesus liberta todas as pessoas pelas quais ele morreu de maneira vicária — as ovelhas que o Pai lhe deu. “Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8.32). Não existe liberdade verdadeira à parte de Cristo. Não existe liberdade do pecado à parte da eleição divina. Assim, não faz sentido contrastar o ensino bíblico da eleição com a liberdade. Como já dissemos, homem nenhum, ímpio ou justo, pode ser livre de Deus. Contudo, justamente por causa da eleição divina, existe a liberdade para quem nasceu do alto, e não da vontade do homem ou da carne, mas de Deus. Essas pessoas são as únicas que desfrutam a liberdade do pecado.¹⁰⁸

A Bíblia não ensina que o homem é livre sem a eleição divina. Ao contrário, o homem só pode ser livre se for alvo da obra eletiva e trinitária do Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Ao tentar conciliar a soberania de Deus com o livre-arbítrio, Geisler “em um típico estilo tomista, tentou sintetizar o que não pode ser sintetizado”.¹⁰⁹

¹⁰⁸ A liberdade será total apenas nos novos céus e nova terra. Lá, não mais seremos como o primeiro Adão, capaz de pecar, mas impecáveis como o segundo Adão.

¹⁰⁹ Afirmção do saudoso teólogo Robert Reymond (1932-2013), no endosso do livro de James White, *The Potter's Freedom*.